

Prefeitura quer 450 mil no Campeche

A Prefeitura de Florianópolis tem uma proposta de urbanização para a região do Campeche, que vem sendo discutida há quinze anos. O plano tem como diretrizes a ocupação e o desenvolvimento da região e prevê a construção de rodovias de alta velocidade, complexos turísticos próximos ao mar e a instalação de indústrias. Mas o projeto da prefeitura não é bem visto pelos técnicos da UFSC e pelos moradores da região.

Os professores da UFSC que estão envolvidos no projeto alegam que as propostas da prefeitura são irreais e apontam vários erros existentes no plano. O mais grave, segundo eles, é o número de habitantes que a prefeitura planeja instalar no local – 450 mil pessoas para uma área de 55 Km². Outra questão importante é a da água.



moradores, empresários e instituições públicas ligadas à preservação ambiental para arrecadar fundos para a compra de áreas à serem preservadas. Nestas áreas seriam construídos parques de visitação e outros de preservação.

De acordo com o técnico do IpuF, o arquiteto Amilton Vergara de Souza, os moradores não aceitam discutir a proposta da prefeitura. Ele defende a proposta afirmando que a Casan

assegura que a capacidade de abastecimento de água em Florianópolis é para cerca de dois milhões de pessoas. Moradores e prefeitura ainda não chegaram a um consenso. A proposta da prefeitura será votada na câmara dos vereadores mas os moradores tentam impedir a concretização desse projeto.

Janine Tavares, Elisa Corrêa e Luciana Luz

A Casan deu um parecer afirmando que a capacidade de abastecimento da região é prevista para apenas 147 mil pessoas. Outro problema é o fato do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IpuF) não apresentar um plano de saneamento básico para a região. O IpuF alega que o sistema de esgoto seria construído depois que o plano de urbanização fosse implantado. A questão do sistema viário também vem gerando discussões. Os moradores acusam o IpuF de querer aterrar áreas de mangue e cortar dunas para a construção de rodovias.

Os moradores do Campeche fizeram uma parceria com professores da UFSC com o objetivo de formular um plano de urbanização como uma contra proposta ao plano da prefeitura. A idéia é formar uma fundação entre



Mostra de Fotos do Tibete à Índia

Coordenação
Prof. Henrique Finco

Copidesque
Camila Bruna Stahelin
Henrique Puccini Hassi
Marcos Franzoni Silva
Tadeu Martins

Edição de Fotografia
Andressa Braun
Fernanda Krelling Rogerio
Juliana Debei Herling
Wellington Campos

Edição Gráfica
Daniela Fernandes
Fabiano Ávila
Juliana Debei Herling

Edição de Texto
Henrique Puccini Hassi
Jeanne Callegari da Silva
Marcos Franzoni Silva
Mário Coelho Júnior
Marcos Daniel Barros
Rita Piffer

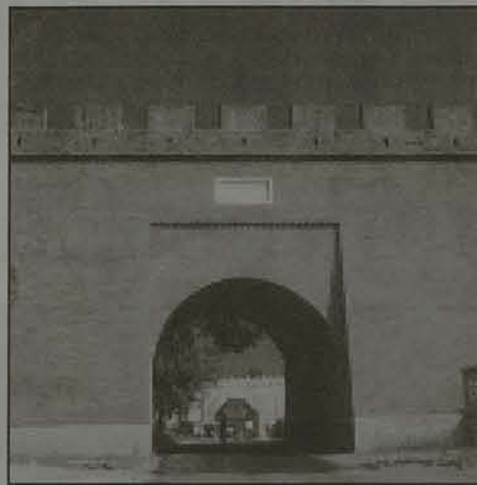
Fotografia
Anita Grando Martins da Silveira
Jaqueline Li
Tadeu Martins
Wellington Luiz de Campos

Projeto Gráfico
Daniela Pereira Fernandes
Fabiano Ávila
Jeanne Callegari da Silva
Juliana Debei Herling
Louise Lazzari Freitas

Texto
Alexandra B. de O. de Godoy
Beatriz Sonogo de Luca
Denise Maria Moreira Ferreira
Elisa Nunes Ruchiga Correa
Fernanda Martorano Menegotto
Giselle Gomes Tiscoski
Henrique Puccini Hassi
Janine da Fonseca Tavares
Luciana Osorio Luz
Magda Audrey Pamplona
Paula Scheidt Manoel
Sabrina Elisa Domingos
Wendel Duarte Martins

Impressão
Diário Catarinense

Redação
Curso de Jornalismo
(UFSC - CCE)
Trindade, CEP 88040-900
Florianópolis - SC
Telefones: (48) 331-9490
(48) 331-9215
Fax: (48) 331-9898
Home Page
www.jornalismo.ufsc.br
Endereço Eletrônico
Zero@cce.ufsc.br



Do Tibete à Índia – pobreza, mistério e fé é o título da exposição de fotografias da estudante de Jornalismo Larissa Hunkes, que acontece de 28 de novembro a 15 de dezembro no hall da reitoria da UFSC. As fotos fazem parte do Trabalho de Conclusão de Curso e são resultado de uma viagem à Ásia, em julho de 2000. A exposição tem 39 fotos de pessoas, paisagens, arquitetura e peculiaridades do povo tibetano, nepoleso e indiano. Larissa disse que suas imagens procuram mostrar as diferenças entre o Brasil e o Oriente. Exemplo disso são as fotos de

uma mulher vestida com traje típico indiano e de outra pedindo esmolas na Fortaleza Orcha, na Índia. As imagens de monges budistas mostram a importância da religião nesses países. Em uma delas, inúmeros monges sobem para o templo das orações e em outra, jovens budistas pedem esmola em bairro de Lhasa, no Tibete.

“A pobreza generalizada da população tibetana é um choque. Mesmo no sertão nordestino não vi tanta escassez.” Para comprovar o que disse, Larissa fotografou um mercado de carne no Tibete onde as carnes estão sobre papelão, sem nenhum cuidado higiênico. Fotografias de crianças também mostram o contraste em que vivem, como a imagem de uma criança com o olho machucado e outra atrás sorrindo. Paisagens e arquitetura também estão presentes na exposição da estudante. O lago mais alto do mundo, Lago Yamdrok, no Tibete, o monte Everest e a cordilheira do Himalaia foram fotografadas por Larissa. Além disso, ela mostra plantações nos vales da cordilheira e o

rio sagrado dos hindus, o Ganges na Índia. A arquitetura revela a cultura oriental, em fotos do templo budista de oração, no Nepal, e de construções conhecidas no mundo todo. Entre elas o maior relógio de sol do mundo, que tem 40 metros de altura, e uma das 7 maravilhas do mundo: o mausoléu indiano Taj Mahal, construído por um príncipe muçumano para a esposa falecida no parto.



Energia solar no Convivência

O prédio do Centro de Convivência da UFSC passará a utilizar energia solar a partir do dia 15 de dezembro com objetivo de divulgar os estudos do Labsolar (Laboratório de Energia Solar da UFSC). A reitoria investiu quatro mil reais na iniciativa. O projeto vai possibilitar uma economia de até um terço na conta mensal de luz.

A energia elétrica produzida será utilizada apenas pelos setores do prédio que são mantidos pela universidade. Os estabelecimentos comerciais que ficam no Centro não serão beneficiados pelo projeto. Segundo o diretor da central de apoio e eventos, Luiz Roberto Barbosa, a energia solar abastecerá só o consumo do prédio referente aos equipamentos para a comunidade universitária.

A idéia inicial do Labsolar era a instalação de placas coletoras de energia solar no jardim ao lado da concha acústica, fornecendo energia para os shows promovidos pelo Projeto 12:30. “Mas o EPUSC vetou o projeto dizendo que ia estragar o jardim”, disse o bolsista do

Labsolar Marcelo Monteiro Dacoregio. Para que o investimento não fosse perdido, a instalação das placas foi transferida para o prédio do Centro de Convivência.

Quando a produção de energia solar não for suficiente, o prédio será abastecido

O sistema aplicado no Centro de Convivência é o mesmo do Brasil Solar, evento realizado em 1998, em que o show da banda Jota Quest foi completamente movido à energia solar. Existem projetos no Labsolar de fazer mais shows como o de dois anos atrás. “Provavelmente



pela central elétrica. Por outro lado, se a energia produzida pelo sistema solar for maior do que a necessária, esta será armazenada para consumo posterior.

teremos um show abastecido por energia solar em abril do ano que vem” afirmou Dacoregio.

Beatriz De Luca, Dennise Ferreira

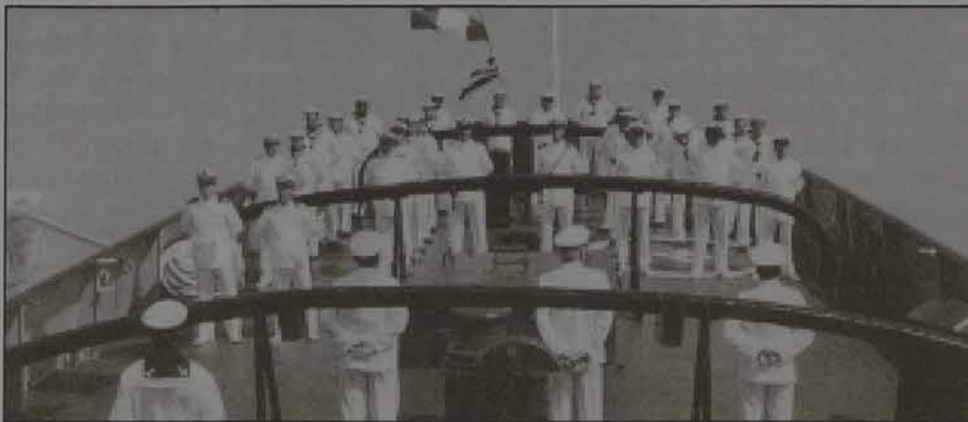
Conheça a Escola de Aprendizes de Marinheiro

A Escola de Aprendizes de Marinheiros de Santa Catarina foi fundada em 24 de outubro de 1857, com 15 alunos alistados; o primeiro deles foi Antônio Gracindo de onze anos de idade.

Inicialmente, as aulas ocorriam em um navio que ficava atracado na costa de Florianópolis, na época chamada de Nossa Senhora do Desterro. Mais tarde, a Escola foi transferida para a Fortaleza de Sant'ana, onde hoje está o Museu de Armas da Polícia Militar. Mudou de endereço mais algumas vezes, até ser definitivamente instalada no bairro Estreito, em 1950. Durante sete anos a Escola suspendeu as atividades por causa da construção da sede atual. Hoje, existem no país apenas outras três escolas de aprendizes: no Ceará, em Pernambuco e no Espírito Santo.

Com uma área de 90 mil metros quadrados, a EAMSC tem capacidade para atender até 500 alunos. Os aprendizes de marinheiros ingressam através de concurso público, mas há aqueles que cumprem o serviço militar obrigatório, esses são chamados de recrutas. A escola catarinense é considerada a melhor do país. Os alunos têm aula de mecânica, eletrotécnica, informática, física, matemática e aulas relacionadas ao serviço militar. Além disso, os que não têm o ensino médio completo podem fazer um curso supletivo. "Estamos querendo implantar também um curso de inglês no próximo ano", disse o suboficial Júlio César.

A EAMSC desenvolve o projeto



ASSISCO (Assistência à Comunidade), onde os alunos visitam creches e escolas, fazendo trabalhos como capinar, entre outros. Na capela, há missa aos domingos e qualquer pessoa pode participar.

Apesar de toda essa infra-estrutura, a participação de catarinenses ainda é pequena. Atualmente, apenas 11 estão sendo formados na instituição. Júlio César explica que a divulgação dos concursos para ingresso na Marinha tem sido intensificada nos últimos dez anos no Estado. "Na verdade, a maioria dos catarinenses que se inscreve no concurso não passa porque aqui não tem um curso preparatório específico para as provas da Marinha, ao contrário do Rio de Janeiro".

Vida de aprendiz

Os alunos acordam às cinco e meia da manhã. As sete, já estão na sala de aula onde ficam até o meio-dia. Retornam à uma hora da tarde e só saem às quatro. Prestam mais algum tipo de serviço, como faxina, e às nove e meia já estão dormindo.

Mas vida de aprendiz de marinheiro não é só estudar e trabalhar. Nos primeiros seis meses em que estão na Escola, eles podem sair nos fins-de-semana, mas precisam retornar no máximo até a meia-noite. "Depois de seis meses, nós podemos sair na sexta e só voltar no domingo, só não podemos sair da cidade sem uma autorização", disse o aluno Sanine de Souza Ignez.

"Aprendemos muito aqui dentro. Temos que ser organizados porque convivemos com muitas pessoas e tudo que um faz atinge o outro. Se eu não arrumar a minha cama, não é o meu quarto que vai estar bagunçado, mas o quarto de todo mundo, pois dormimos em alojamento, onde tudo é coletivo." O aluno Carlos Eduardo de Lima e seu amigo Sanine só reclamam da saudade da família e dos amigos. "Sou do Rio Grande do Norte e em um ano consegui visitar minha família apenas uma vez, mas estou buscando algo melhor para mim e sei que tudo isto está valendo à pena", diz Carlos.

Magda Audrey e Wellington Campos

O Porta-aviões

O porta-aviões "São Paulo" custou 12 milhões de dólares e muitos acham que o negócio não foi vantajoso para o Brasil. Mas, segundo o suboficial da Escola de Aprendizes de Marinheiros de Santa Catarina (EAMSC), Júlio César Santos, a França só vendeu o porta-aviões porque não tinha condições de mantê-lo financeiramente. "O São Paulo tem capacidade para comportar três mil homens. Os gastos com alimentação, por exemplo, e com combustível, eram muito altos. Ele não é uma sucata, como dizem."

Para substituí-lo, a França comprou o porta-aviões Charles de Gaulle, movido à energia nuclear. "Ao contrário de um porta-aviões de caldeira, que precisa ser alimentado com combustível freqüentemente, no nuclear, basta trocar a pastilha de urânio, que o mantém funcionando, a cada seis anos", diz Júlio César.

Até 1998, a Aeronáutica era responsável pela aviação naval. Depois disso, um decreto do presidente Fernando Henrique Cardoso permitiu que a Marinha comprasse os próprios aviões. No total, foram adquiridos 23 aviões do Kuwait, que ainda não estão todos em uso, por falta de pilotos.

O buraco da imprensa americana

A disputa pela audiência fez com que as maiores emissoras de TV americanas anunciassem George W. Bush, como vencedor da eleição à presidência americana, antes da apuração estar encerrada. A imprensa dos EUA está assumindo a sua dose de responsabilidade na confusão da contagem dos votos na Flórida. Mas o fato das emissoras estarem investigando os culpados pelo tumulto nas eleições presidenciais não diminuiu a questão da ética jornalística que foi levantada.

A primeira emissora a divulgar o resultado, descoberto depois como falso, foi a Fox. As outras emissoras, minutos depois, também anunciaram a informação incorreta de que George W. Bush era o vencedor na Flórida e também o novo presidente eleito. O que levou as outras

redes de TV a divulgar o resultado errado foi que todos os canais e a agência Associated Press estavam associados ao consórcio Voter News Service. O consórcio projetava o resultado a partir do que os eleitores diziam saindo dos locais de votação, mas que era divulgado pelas emissoras como sendo delas, sem ligação com as demais.

A notícia da Fox foi divulgada pelo primo em primeiro grau de George W. Bush, John Ellis. Há dois anos atrás, quando George W. anunciou a sua candidatura, Ellis deixou sua coluna no jornal Boston Globe, constrangido pela proximidade com o candidato republicano. Logo depois, Ellis foi contratado pela Fox como consultor de pesquisa sobre as eleições presidenciais, contrariando a intenção inicial de manter-se isento. No dia das

eleições os primos da família Bush trocaram vários telefonemas. "Naquele dia eles me telefonaram umas 800 vezes.", disse Ellis.

A imprudência de John Ellis e da emissora Fox ao anunciar o vencedor foi decorrente da diferença de 50 mil votos entre o candidato republicano e o democrata Al Gore. O que ninguém esperava era que essa diferença começasse a cair, a ponto de inverter a situação e Gore passar a liderar na Flórida. A informação dada pelas emissoras de TV fez com que o candidato democrata ligasse para George W. Bush para cumprimentá-lo pela vitória. Horas depois, ao saber que a



contagem de votos não estava encerrada, ligou para se retratar.

Alexandra Godoy

O palco tremeu no show de Oswaldo Montenegro

Em fevereiro Oswaldo Montenegro irá lançar seu 25º CD, intitulado Entre uma Balada e um Blues. Enquanto isso, o músico percorre o país com a turnê de seus dois últimos lançamentos: "Letras Brasileiras" e "Escondidos no Tempo". Como parte das atrações da IIª Fenestra Montenegro esteve em Florianópolis apresentando o show "20 anos de Histórias", no qual interpreta as canções mais famosas de sua discografia, como "Prá longe Paranoá", "Incompatibilidade", "Vôo Condor" e "Bandolins".

Segundo o cantor, Entre uma balada e um blues fala sobre tipos de relacionamentos amorosos. "Tudo é baseado na minha vivência: falo do amor que termina com raiva, do que termina com frieza e daquele que termina com orgulho", enumera ele, que jura não estar apaixonado no momento. "Só sei que amo a minha família, o meu filho, e os meus amigos".

A apresentação em Florianópolis aconteceu no Centro Sul e reuniu cerca de 7.000 pessoas. Um dos momentos mais marcantes do show foi quando a flautista e produtora de Oswaldo, Madalena Salles - a Madá - entrou no palco tocando "Prá longe Paranoá". "Parecia que ela e o Oswaldo estavam em transe. A energia era tanta, que o palco parecia tremer!", se deslumbra Antônio Gonzaga, fã e amigo do cantor. Na última vez que esteve em Florianópolis, em julho deste ano, Oswaldo Montenegro realizou um trabalho diferente. Escolheu vários bailarinos, músicos, atores e artistas de



circos de Santa Catarina e montou o musical Lendas da Ilha. Durante um mês os artistas ensaiaram o espetáculo oito horas por dia. As t r ê s apresentações, na Boate Lupus Beer, tiveram todos os i n g r e s s o s

vendidos. E o reconhecimento não foi apenas da população local. Os organizadores do projeto não paravam de elogiar o alto-nível dos artistas nas entrevistas à imprensa. "A equipe impressionou pelo profissionalismo, talento e animação", declarou Madá. A gravação de um CD com as músicas do espetáculo foi outra prova significativa do potencial do elenco. "O disco só não

foi lançado ainda pela falta de patrocínio, mas temos corrido atrás disso", afirma Montenegro.

A produção de musicais estará em segundo plano no ano que vem. "Pelo menos temporariamente", garante o cantor. Peças de teatro e coreografias para balé também estão fora das metas. "Quero me dedicar exclusivamente às turnês dos meus discos. Elas preenchem toda a minha agenda. Além disso, sinto a necessidade de aperfeiçoar o meu trabalho individual." Isso também o fez desistir de morar em Florianópolis, vontade que manifestou quando esteve por um mês na cidade durante a montagem do Lendas da Ilha. "Floripa é o paraíso, mas o meu trabalho está todo concentrado no Rio e em São Paulo. Meu filho ama essa cidade, então, um dia... quem sabe?".

Fernanda Menegotto



Diário de um Surfista

Olhar ao redor e sentir que há algo faltando na vida revela o grande instinto que o homem possui. Para o "surfista de alma", as coisas acontecem realmente como manda a natureza. Só em imaginar que neste momento, numa praia deste planeta, está quebrando aquela onda perfeita, o coração aperta e a fome pelo surfe aumenta. Deus é tão bom que fez o mundo e deu prioridade para os oceanos; lugar fascinante, repleto de magia, onde uma pessoa nasce, vive

e morre sem perceber que estava no paraíso. Quem pratica sabe que isso não é apenas esporte, mas sim um estilo de vida. Uns praticam por prazer e divertimento; outros fazem deste sua própria vida. Não existe uma palavra que defina completamente um mortal quando sai de um tubo. E esse mistério que faz os amantes das ondas virarem guerreiros do mar? Quem descobrir essa resposta estará desvendando um dos grandes mistérios da vida.

Giselle Tiscoski

Uns sempre, outros de vez em quando

O sol ainda não nasceu e os surfistas começam a entrar no mar. No final da manhã a praia está lotada e dezenas deles estão pegando onda. Esta é uma rotina na praia Mole, em Florianópolis, que com a chegada do verão recebe um número cada vez maior de pessoas interessadas em aproveitar as belezas da Ilha. O mar é democrático: nele se reúnem os chamados atletas - freqüentadores assíduos da praia - e os conhecidos surfistas de verão.

Todos que surfam o ano inteiro têm um estilo que os identifica. Usam bermudas largas - no caso das meninas, saias - com estampas floridas, camisetas largas, chinelos - e óculos de sol.



A chuva e o frio não afastam essa galera do mar. Utilizam como equipamento, além de pranchas, cordinhas - que prendem o surfista na prancha - e o *sliv*, uma roupa de borracha que mantém o corpo aquecido. "Descer uma onda é a melhor coisa do mundo" afirma o surfista Rafael Ney. Segundo Ney, o surfe é um esporte que relaxa e mantém a saúde física e mental. Talvez por trabalho, compromissos assumidos ou até mesmo preguiça,

um outro grupo aparece nos mares: os surfistas de verão. Quando as condições para a prática favorecem, e possuem uma vaga na agenda, caem logo na água. O estilo de vestir e os hábitos são parecidos com os que "pegam onda" durante o ano inteiro. A disponibilidade de tempo talvez seja o maior diferencial entre eles. Mas duas características são comuns aos dois: a vontade e o prazer de surfar.

Henrique Puccini